

Jornal de Estudos Psicológicos

Ciência, Filosofia e Religião

A Teoria Reencarnacionista e a Atualidade

"Renova-te. Renasce em ti mesmo. Multiplica os teus olhos, para verem mais. Multiplica os teus braços para semeares tudo. Destrói os olhos que tiverem visto. Cria

quando finalmente todo o corpo "morre", iremos nos preparar para renascer em um novo corpo. Tal é a vida, tal é a lei, por mais que alguns ainda tentem resistir.

portamento. As informações que já possuímos e as evidências históricas e científicas que ultrapassaram as fronteiras da religião não devem permitir ao homem e à mulher da atualidade perder tempo em conjecturas sobre a existência da reencarnação: devemos vivenciá-la no nosso dia a dia.

Saber-se reencarnacionista é ter a certeza de que o hoje foi construção desta e de outras existências e que, por consequência, o amanhã está sendo construído no momento presente. Quer saber quem será no futuro? Preste atenção às bases que está construindo em seu presente. Em português, "presente" – relacionado ao tempo – e presente – relativo a receber algo – coincidem na grafia. A consciência da reencarnação nos traz essa percepção: o presente, seja em



outros, para as visões novas..."

Como nos apresenta a bela poesia (Cecília Meirelles – Renovate), a vida é um constante convite ao renascimento. Mesmo que resistamos em permanecer em algum contexto que nos pareça confortável ou favorável, a dinâmica existencial nos impulsiona a viver novas experiências, através das quais o nosso ser tem a possibilidade de se aprimorar. Isso se passa a cada dia, na sucessão do tempo, e sem que nos demos conta, muitas vezes nosso corpo vai atravessando as diversas fases da vida... em um mesmo corpo, "morremos muitas vezes" para que uma outra condição possa surgir. E

Muitos pacientes me perguntam sobre suas vidas passadas, e eu costumo sempre apresentar o questionamento: "o que você está fazendo da sua vida presente, com as questões e desafios que lhe apresenta?" Alguns chegam a se espantar com a pergunta, questionando se não acredito em reencarnação. Então, pedindo licença a Jung para usar sua expressão, digo a eles: "eu não acredito, eu sei...".

São chegados os tempos em que a reencarnação tem que deixar de ser uma simples possibilidade teórica, para ser vivida em profundidade nas nossas escolhas, nas nossas atitudes, no nosso com-

portamento. As informações que já possuímos e as evidências históricas e científicas que ultrapassaram as fronteiras da religião não devem permitir ao homem e à mulher da atualidade perder tempo em conjecturas sobre a existência da reencarnação: devemos vivenciá-la no nosso dia a dia.

Saber-se reencarnacionista é ter a certeza de que o hoje foi construção desta e de outras existências e que, por consequência, o amanhã está sendo construído no momento presente. Quer saber quem será no futuro? Preste atenção às bases que está construindo em seu presente. Em português, "presente" – relacionado ao tempo – e presente – relativo a receber algo – coincidem na grafia. A consciência da reencarnação nos traz essa percepção: o presente, seja em

Iris Sinoti

Terapeuta Junguiana

O Que Impele o Homem à Guerra?

A pergunta permanece como uma incógnita, sempre que buscamos respostas para, em 6.000 anos de civilização, descobriremos apenas 100 anos de paz, segundo cálculos do historiador Arnold Toynbee.

O ser humano, belicoso nas suas relações, violento em seu instinto de sobrevivência, agressivo quando provocado, viola a paz sempre que, levado ao extremismo, reage na defesa de seus ideais religiosos, políticos ou sociais.

A violência jaz no inconsciente individual, somado ao coletivo, num manancial inesgotável de registros de guerras e revoluções, cujos objetivos poucas vezes foram nobres.

Allan Kardec, por sua vez, deu destaque ao assunto em *O Livro dos Espíritos*, na Lei de Destruição, quando recebe a resposta dos Espíritos Superiores: "A causa que leva o homem à guerra é a predominância da natureza animal sobre a espiritual e satisfação das paixões." E acrescentam: "a guerra desaparecerá

um dia da face da Terra, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então todos os povos serão irmãos."

Léon Denis, em seu *O Mundo Invisível e a Guerra*, complementa: "Nosso mundo é um planeta inferior, um laboratório onde desabrocham as almas ainda inexperientes com seus anseios confusos e suas paixões desordenadas."

Os meios de comunicação facilitam a tomada de consciência do que seja este planeta inferior, pois nele habitam seres imperfeitos, ao assistirem e/ou transmitirem as tragédias do cotidiano em tempo

real.

Somos ainda violentos e belicosos, pois açulados pelo orgulho e pelo egoísmo, o que se origina de um instinto de sobrevivência primitivo que precisa urgentemente de reajuste e atualização, com base na educação cristã e espírita.

Os exemplos de missionários do Bem e da Verdade, que aqui



A Crueldade, Uma Ilusão

No livro *Entrega-te a Deus*, psicografado pelo médium Divaldo Franco, o autor afirma que a ignorância é a mãe de muitos males que afligem a criatura humana e responde por inúmeros crimes que se alastram na sociedade.

O filósofo Sócrates ensinou que só existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância. Ela se revela na personalidade ao disseminar a raiva que se expressa na agressividade hetero ou autodestrutiva.

Tornamo-nos cruéis e agressivos à medida que não conseguimos lidar com as adversidades autoajustáveis, sentindo-nos imensamente injustiçados por serem ou não desconhecidas as suas causas dignificadoras.

Nossa infância espiritual responde pelo grau de crueldade que se revela em nossos pensamentos e atos. Ela domina pela força da ignorância e sua origem é nossa imaturidade espiritual, tendo em vista que nos encontramos mais próximo do início da caminhada do que do objetivo. Contudo, à medida que crescemos em espírito e consciência, cresce

também nossa responsabilidade. Aquele que se esclarece da vida espiritual percebe a ilusão em que viveu ao disseminar a vingança, o ódio e a crueldade, pois terá que colher, cedo ou tarde, o resultado de suas escolhas.

O espírito Miramez, ao comentar a questão 752 de *O Livro dos Espíritos*, adverte que a crueldade é coisa do passado, ela deve ser esquecida para sempre. O homem mau deve morrer, cedendo lugar ao homem-amor, dentro da própria vida.

estiveram e nunca cessaram de bem comunicar-se sempre que necessário, devem ser seguidos. Se ainda sofremos com as guerras e com suas consequências, urge buscarmos uma saída com base nas estruturas políticas democráticas e nas estruturas sociais justas, porém sem ideologias precárias e retrógradas.

Jesus permanece igualmente em nosso inconsciente coletivo como um apelo à Paz - e o Espiritismo vem restaurar esse convite: atendamo-los, pois.

Sonia Theodoro da Silva

Filósofa

Davidson Lemela

Neuropsicólogo

Expediente

Jornalista

João Batista Cabral - Mtb nº 625

Edição

Evanise M Zwirtes

Colaboração

Maria Angélica de Mattos - Revisora
Danusa G Rangel - Tradução Inglês
Daniela dos Santos - Tradução Inglês
Karen Dittrich - Tradução Alemão
Hannelore P. Ribeiro - Tradução Alemão
Maria M Bonsaver - Tradução Espanhol
Lenéa Bonsaver - Tradução Espanhol
Ricardo Castro - Revisão Espanhol
Nicola P. Colameo - Tradução Italiano
Sophie Giusti - Tradução Francês
Irène Gootjes - Tradução Francês

Reportagem

Iris Sinoti
Sonia Theodoro da Silva
Davidson Lemela
Evanise M Zwirtes
Cláudio Sinoti
Adenauer Novaes

Design Gráfico

Evanise M Zwirtes

Impressão

Tiragem:
2500 exemplares - Português
1000 exemplares - Inglês

Reuniões de Estudos (Em Português)

Domingos: 05.45pm - 09.00pm
Segundas: 07.00pm - 09.00pm
Quartas: 07.00pm - 09.30pm
Sábados: 06.00pm - 07.30pm

Reunião de Estudo (Em Inglês)

Quartas: 05.20pm - 06.20pm

Reunião Mediúnic (Privada)

Quintas: 09.00am - 10.30am

BISHOP CREIGHTON HOUSE
378, Lillie Road - SW6 7PH - London
Informações: 0207 371 1730
E-mail: spiritisttps@gmail.com
www.spiritisttps.org
Registered Charity Nº 1137238
Registered Company Nº 07280490

Morte é Vida

Se o homem pensar em si e em tudo que o rodeia, percebe que tudo é transitório. A sobrevivência do espírito humano à morte do corpo físico e a crença na vida após a morte já era encontrada na filosofia grega, em especial em Pitágoras, Platão e Plotino.

O homem, ser espiritual, preexistente e sobrevivente ao corpo físico, é um ser imortal. Essencialmente, a vida é mais do que simplesmente viver, e a morte é mais do que simplesmente morrer. A morte não é o fim de todas as coisas. A grande esperança é que a vida não termina na morte do corpo, mas continua além dele.

O plano material é apenas um dos caminhos para a evolução do Espírito. Sendo assim, a morte é uma etapa do ciclo evolutivo, em que a reencarnação é lei universal. O objetivo maior do nascimento e da morte é a harmonização e a evolução consciente do Espírito. Após a morte corporal, o Espírito leva consigo suas alegrias, sua fé, suas crenças, suas mágoas e suas dores, enfim, suas experiências psíquicas, registradas no inconsciente, segundo suas escolhas na existência. Quando do retorno ao mundo espiritual, à verdadeira vida, o Espírito é guiado pelos amigos espirituais que o ajudam na sua adaptação, avaliando sua aprendizagem evolutiva, segundo as Leis de Deus.

A morte é Lei Divina, mecanismo natural e necessário para o progresso dos seres. E portanto não deve ser interpretada como fim e destruição. Deus é amor.

Evanise M Zwirtes

Psicoterapeuta Transpessoal

A Ciência do Bem

O bem e o mal desde há muito são objetos de análises filosóficas, religiosas e psicológicas, e várias correntes optam por determinar sua relatividade, dependendo do foco sob o qual se analise. Não é raro constatar que a observação individual confirma essa relatividade, porquanto muitas ocorrências que são vistas como um

imediatas do corpo, a vida permanece sem um sentido profundo, fazendo com que se mantenha uma visão restrita do bem e do mal.

Mas a vida tem seus mecanismos próprios para nos conduzir a reflexões mais profundas. A multiplicidade de experiências que vivemos, os papéis que somos



“mal” durante algum tempo, posteriormente se transformam em um “bem”, assim como o oposto também ocorre. É que o prisma do ego é normalmente limitado para avaliar as circunstâncias e os acontecimentos que produzem consequências além dos seus efeitos imediatos, sejam agradáveis ou não.

Na visão Espírita, aprendemos que “o bem é tudo o que é conforme a lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário” (LE, q.630), e que a “lei de Deus”, por sua vez, encontra-se escrita “na consciência” (LE, q.621). A clara apresentação, entretanto, nos propõe um desafio: ampliar o nível de consciência, aprimorando os sentidos e habilidades para despertar o bem em nós.

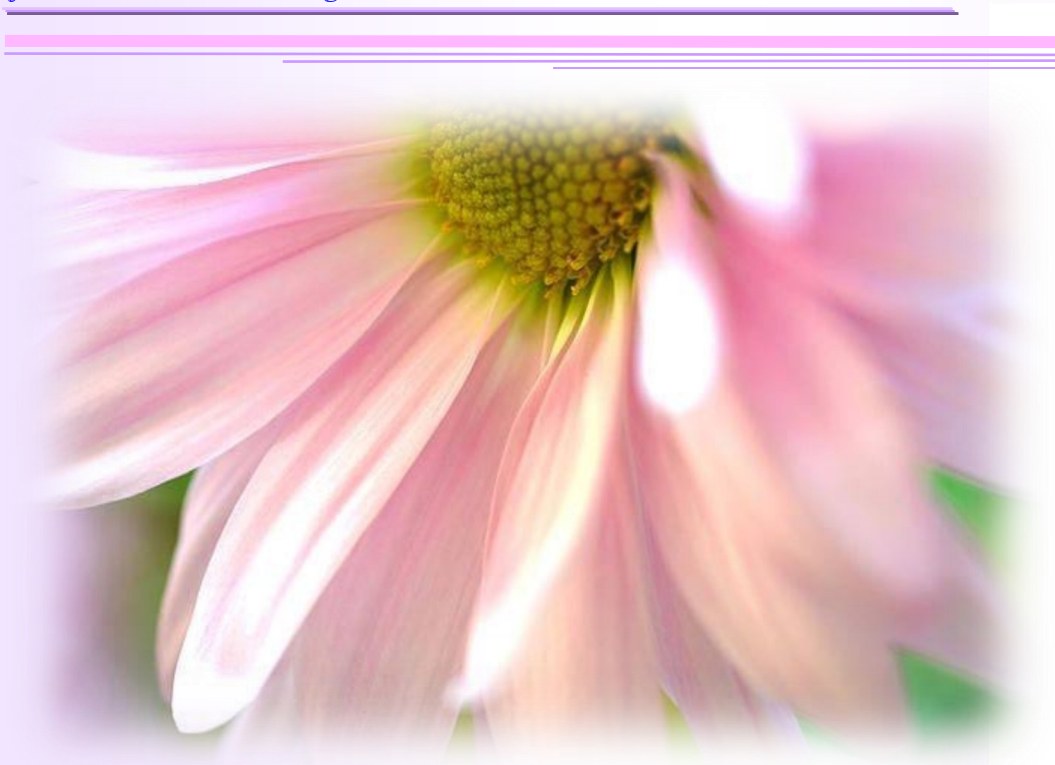
O primeiro estágio a ser vencido é a “consciência de sono”, no qual predominam os fenômenos fisiológicos: alimentar-se, fruir prazeres, reproduzir-se e repousar... Adstrito às sensações

chamados a desempenhar, assim como a dor e o sofrimento, funcionam como forças impulsionadoras da consciência. O processo de transformação, no entanto, torna-se ainda mais profundo quando buscamos de forma consciente aprimorar os sentidos, dedicando tempo e energia à autopercepção e à consequente mudança de atitude perante a existência.

À medida que despertamos do sono, ampliamos a visão imediatista de bem e mal, aproveitando todas as experiências e circunstâncias para o autoaprimoramento, que nos conduzirá à sintonia e vivência do bem em um estágio mais profundo, até que possamos não somente desejar o bem, mas vivê-lo em profundidade.

Cláudio Sinoti

Terapeuta Junguiano



A Existência e o Amor de Deus

A ideia do amor de Deus, e a Ele, sugere reflexões sobre sua natureza e aplicabilidade. É certo que o amor é um sentimento cuja percepção se dá fora dos domínios racionais e que costuma retirar a pessoa da Consciência. É um sentimento cujas razões transcendem a vontade consciente, permitindo que o Espírito ultrapasse os limites da dimensão em que se situa. São conhecidas as formas de amor aplicáveis às relações humanas, sobretudo as vividas no ambiente doméstico, no qual basicamente se estabelece graças à consanguinidade. Quando se pensa a respeito de Deus, costuma-se colocar a fé como representação do amor a Deus, por falta de outro símbolo. Mas será a fé de fato o amor a Deus? Não seria melhor pensar em elementos menos irracionais, como representativos, pois deveriam se aproximar dos sentimentos humanos conhecidos? Quando um fundamentalista de qualquer religião comete, em nome de sua fé, um ato terrorista, por extrema convicção de sua ligação com o Deus em que acredita, certamente não está sentindo algo que se assemelha ao amor aos seus familiares, visto que sabe e sente simultaneamente o ódio por pessoas. Diante disto, o amor a Deus deve ser diferente da fé, mesmo quando nos lembramos

dos exemplos de fé religiosa em muitos consagrados indivíduos considerados santos.

O amor a Deus parece ter o mesmo modo de análise, pois seria necessário que o sentimento fosse próximo ao que se tem por alguém a quem de fato se ama. Quais seriam as características deste amor? O encantamento pela Natureza? A exaltação da inteligência suprema? A gratidão ao presente pela vida? Tudo isto me parece fruto da admiração e do respeito. Ao se acrescentar também o temor e a fé, sairemos definitivamente do sentimento de amor. Considerar que o amor de Deus deve ser percebido pela geração da vida da pessoa é o mínimo, pois deve se entender que a harmonia de tudo que existe é sua máxima expressão. Pode-se constatar este amor pela Sua manifestação em cada experiência humana, que se dá sempre para a felicidade do Espírito.

Será, então, que os antigos quando elegeram o amor o fizeram por falta de outra palavra mais adequada para expressar o que de fato queriam? Creio que sim, pois não se consegue sentir amor pelo desconhecido, por algo com o qual se tem uma relação indireta e movida pelo medo. Parece que se queria uma valorização maior e um respeito acima de qualquer coisa. Isto,

muito embora seja valioso, aceitável e compreensível para a época, não é amor.

Não pretendo destruir as convicções de ninguém nem muito menos criticar o que foi considerado sagrado por muitos. Porém, para outra categoria de pessoas que se preocupam com o que se passa em seu mundo íntimo e impulsionadas por ideias novas que surgiram numa sociedade mais madura e voltada para o processo de autotransformação, o amor a Deus tem sido sentido como uma autopercepção. Não mais a crença cega nem a subserviência sob qualquer pretexto, mas o entendimento de que o amor a Deus deve ser experimentado e vivido como um sentimento de sua manifestação constante na Consciência do próprio ser humano. O amor a Deus deve ser percebido como um sentimento de íntima e permanente ligação, de que a própria vida é Ele se realizando e que ocorre independentemente dos conceitos racionais que se estabelecem.

Adenáuer Novaes

Psicólogo Clínico